

A invenção do literário: um olhar sobre a didatização de Jorge Amado

The invention of the literary: a look at Jorge Amado's teaching

Márcio Araújo de Melo

Elizabete Barros de Sousa Lima

Tereza Ramos Carvalho

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Resumo: A coleção “Literatura Comentada”, organizada por Álvaro Cardoso Gomes e Sônia Regina Rodrigues Neves, traz, como uma de suas produções, a obra *Jorge Amado* (1988). Nesta, os autores se comprometem a apresentar a literatura de forma didática, recorrendo à teoria da literatura e à crítica literária como respaldo para discorrer sobre modelos de se ensinar literatura. Na obra, percebe-se a inclinação dos leitores a partir para outros saberes, criando hiato entre o que é ensinar literatura e o que está sendo ensinado. Ao reconhecer a lacuna educacional e seu modelo de didatização por meio da literatura, esta pesquisa discorre sobre a importância do leitor no consumo do texto estético, de modo a orientar novas práticas de leitura. Para isso, recorreu-se às teorias de Sartre (1999), Lajolo (2004), Soares (1999), Barthes (1977), Melo e Silva (2011), entre outros teóricos que foram suporte para esta escritura. Em suma, entende-se que a escolha editorial, que cobre propósitos específicos de edição, subjugou a capacidade leitora do estudante, perfazendo percursos ideológicos de seus idealizadores.

Palavras-Chave: Literatura Comentada; Jorge Amado; Literatura; Didatização; Leitor.

Abstract: The collection of "Comments on Literature", organized by Álvaro Cardoso Gomes e Sônia Regina Rodrigues Neves, bring as one of those comments the work of Jorge Amado (1988). In that work the authors aim to present literature in a didactic way, relying on literary theory and criticism to set up about the forms of teaching literature. It is possible to see in the work the reader biases to different kinds of knowledge, creating a gap between what is the teaching of literature and what is being taught. Realizing this gap in education and its didactization through literature, this research states about the importance of the reader in the consumption of the esthetic text, so to conduct new reading practices. Thereunto, the researche relies on the theories of Sartre (1999), Lajolo (2004), Soares (1999), Barthes (1977), Melo e Silva (2011), among others theorists. In conclusion, it is understood that the editorial choices, covering a specific editing purposes, subdues the student's reading ability, completing the ideological paths of its creators.

Key-words: Comments on Literature; Jorge Amado; literature; didactization; reader.

Recebido em 13 de setembro de 2023

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

Considerações iniciais

A obra literária, antes de ser apresentada ao leitor, com determinada estrutura (forma e conteúdo), passa por processos com objetivos vários. Inicialmente, pensemos no autor inserido em certo contexto, observador atento, que elege acurada fração da realidade, conecta-a a algum tema e produz sua obra/seu texto, pensando, talvez, na importância e na reação que ela poderá causar no leitor; o editor que, provavelmente,

analisa, dentre outras coisas, a sua qualidade, importância e interação obra-leitor. O leitor, elemento-fim após a publicação, exerce a ação ler, complementando a atividade iniciada pelo escritor, fazendo, assim, a linguagem se movimentar ao construir sentidos.

Segundo o filósofo existencialista francês Jean Paul Sartre, o objeto literário é um “estranho pão que só existe quando movimentado pela leitura. Fora daí, há apenas traços negros sobre o papel” (SARTRE, 1999, p. 35). É nesse exercício de leitura que acontece a interação leitor e texto, que é de fundamental importância, uma vez que o caráter plurissignificativo do texto literário leva o leitor a completar os espaços vazios e a pensar os significados da obra. Para o leitor, o objeto literário não é dado na linguagem e, embora se realize através da linguagem, é, por natureza, silêncio e contestação da fala. Para a compreensão da obra, é importante que ele se coloque à altura desse silêncio. Por outro lado, nesse objeto literário, há ainda o silêncio do autor, aquilo que ele não diz. São as “intenções particulares” do autor que podem manter sentido fora desse objeto produzido pela leitura. Não é a soma de signos que dá sentido à obra, mas sua totalidade orgânica, ou seja, a articulação e mediação entre os elementos que a compõe. Muitas vezes, o que dá sentido ao texto literário é o não-dito, assim se pode afirmar que a verdadeira substância da obra literária é a subjetividade do leitor (SARTRE, 1999).

A literatura, no ambiente escolar, é considerada um *locus* de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser adequadamente explorada. É necessário nos aproximarmos dos livros literários. Porém, para que possamos nos apropriar do que “eles falam”, precisamos planejar e aplicar mecanismos de interpretação que, em grande parte, são estudados na escola – ou deveriam ser, pelo menos. Como sabemos, os livros não falam por si mesmos, “precisam ser empurrados”. Para tanto, há mecanismos de interpretação aprendidos no processo de escolarização que proporcionam o domínio do discurso literário. (LAJOLO, 2004) Esse processo de sistematização deve ocorrer por vários motivos, dentre eles, pelo fato de que a leitura literária apresenta uma camada superficial, cuja substância é a subjetividade do leitor. Ao ficar nessa primeira camada, o leitor pode borrar a possibilidade de aprofundar sua leitura, caso ele não compreenda que essa etapa deve ser transportada. O outro motivo está voltado para as palavras do texto, que podem ser armadilhas para acender “nossos sentimentos e fazê-los reverter sobre nós” (SARTRE, 1999, p. 38). Sartre (1999, p. 39) explica que “para o leitor tudo está por fazer e tudo já está feito; a obra só existe na exata medida das suas capacidades; enquanto lê e cria, sabe que poderia ir sempre mais adiante em sua leitura, criar mais profundamente;

com isso a obra lhe parece inesgotável e opaca como as coisas”. A leitura literária, como processo complexo, deve se constituir de etapas, de movimentos que podem ser aprendidos a partir de procedimento de escolarização (SOARES, 1999).

Alberto Manguel, em seu livro *Uma história da Leitura* (2004) – ao se referir à prisão de um padre durante a ditadura na Argentina, acusado pelos militares de interpretar erroneamente a Bíblia – apresenta suas impressões sobre o leitor e sobre o processo de construção de sentidos. Ao modo de ler, estão sujeitos os leitores na ação de dar vida ao texto, visto que, se por um lado, esse ato impõe construir escolhas de sentidos, necessariamente está correlacionado à exclusão de outros. Dessa maneira, salienta Manguel que:

[...] nem todos os poderes do leitor são iluminadores. O mesmo ato que pode dar vida ao texto, extrair suas revelações, multiplicar seus significados, espelhar nele o passado, o presente e as possibilidades do futuro, pode também destruir ou tentar destruir a página viva. Todo leitor inventa leituras, o que não é a mesma coisa que mentir; mas todo leitor também pode mentir, declarando obstinadamente que o texto serve a uma doutrina, a uma lei arbitrária, a uma vantagem particular, aos direitos dos donos de escravos ou à autoridade de tiranos. (MANGUEL, 2004, p. 322).

Nesse sentido, podemos afirmar que tanto para Sartre (1999) quanto para Manguel (2004), os sentidos da leitura estão na subjetividade da atividade leitora. A leitura está nesse processo de invenção, nessa construção de possibilidade a partir de olhares específicos, que vão se construindo de adesão e exclusão. Assim, quando se deseja encontrar a substância do texto literário, importa considerar a afirmação de Barthes (1977) de que “ler implica encontrar sentidos”, não só entre escritor e leitor, mas, também, com a sociedade em que ambos estão localizados.

Tais considerações nos levam a outras reflexões sobre o trabalho com a obra literária em sala de aula, mais especificamente, sobre a necessidade de repensar o ensino de literatura e sua relação com os leitores, ou, por outras palavras, sobre a didatização da literatura. Sabemos que o espaço escolar é *locus* para as práticas educativas que devem estar atentas para que os estudantes se tornem sujeitos-leitores; sabemos, também, que para eles as experiências de leituras de obras literárias talvez ainda sejam incipientes. Nesse sentido, a literatura só existirá quando eles puderem movimentar-se na leitura, constituindo-se com ela. Pensando sobre a “metáfora do pião”, podemos dizer que, enquanto o brincante não souber enrolar o cordão, exercitar os movimentos adequados, o pião não irá rodopiar. O mesmo pode acontecer ao leitor, ou seja, enquanto não se

movimentar subjetivamente na leitura, procurando pistas e nomeando-as, a obra não existirá para ele.

A didatização da literatura/do texto literário

A partir dessas breves reflexões sobre os exercícios da atividade leitora e das possibilidades de movimentações subjetivas do leitor literário, é imprescindível que a didatização do texto literário se construa por certos protocolos de leituras. Assim, discorrer sobre tais processos de escolarização está relacionado a esforços e situações complexas, que necessitam de reflexão. Optamos, neste artigo, pensar como essa didatização acontece no livro *Jorge Amado* (1988), da coleção “Literatura Comentada”, da Editora Nova Cultural.

Em um gesto de leitura possível – em relação à circulação dessa coleção no final do século 20 – podemos dizer que há uma estreita ligação não apenas com a didatização da literatura e as demandas didático-pedagógicas, mas, também, com uma percepção específica da teoria da literatura e da crítica literária e aos modos de se ensinar literatura desse período. Lembremos, por exemplo, que nessa coleção há uma ausência de autores fora do eixo Brasil-Portugal, marcando diretamente uma correlação entre os conteúdos da disciplina literatura (brasileira e portuguesa) no Ensino Médio dos anos de 1980/1990. Por assim dizer, a invenção do que se entendia (de certa forma, entende-se até hoje) por leitor literário, literatura (brasileira e portuguesa), por escritor, textos representativos e bibliografia especializada está marcada nesses modos como a coleção “Literatura Comentada” foi se instituindo e sendo instituída ao longo dessas duas décadas.

Dentre as várias explicações para o declínio desses projetos editoriais na atualidade, que incluiria as novas tecnologias e seus diferentes modos de acesso ao texto literário, está a ausência do componente curricular Literatura Brasileira na matriz curricular do Ensino Médio, a partir dos anos 2000. De modo simples, basta dizer que o processo de *desdisciplinarização* da literatura nessa etapa da escolarização (MELO e SILVA, 2011) ocorre quando ela deixa de constar como disciplina escolar nos documentos oficiais: nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999) e, posteriormente, na Base Nacional Comum Curricular, (BRASIL, 2018). Nesse sentido, a literatura se torna conteúdo de ensino do componente curricular Língua Portuguesa (Área de Linguagens), perdendo a

garantia de um tempo escolar determinado, de docente, de metodologia e de manuais específicos.

Há que se dizer, por outro lado, que a literatura ainda se mantém no processo de escolarização da educação básica, por sua manutenção como conteúdo de ensino na formação do leitor, como campo de atuação da língua, como competências e habilidades na BNCC (BRASIL, 2018). Tais presenças estão correlacionadas ao espaço que ela ocupa na cultura e nos discursos escolares, bem como nos exames de seleção para acesso ao ensino superior: vestibular e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Por um lado, é possível pensar que a literatura exerceu, até o final do século 20, força à formação leitora e educacional estudantil, ao compor projetos editoriais de didatização do texto literário e de formação de leitores, tais como as publicações de “Literatura Comentada” (Nova Cultural) e “Para gostar de ler” (Ática). Há que se dizer, por outro lado, que – mesmo com sua crise tantas vezes anunciada –, a literatura ainda continua provocando publicações que trabalham com o processo de didatização do literário, como se vê pelas coleções mais recentes: “Por que Ler” (Editora Globo), “Como ler” (Scipione), “Guia de Leitura - 100 autores que você precisa ler” (Editora LP&M).

É válido reforçar que, contrariando a tendência de desvalorização do ensino de literatura, que ocorreu depois dos anos de 1970 e tem se mantido até a atualidade, algumas editoras constroem projetos voltados à divulgação do literário, do ensino de literatura e da formação do leitor. São exemplos a coleção “Para Gostar de Ler” (1970-1990), da editora Ática; “Literatura Comentada” (1980-1990), da “Nova Cultural”; a tradução do livro “Tudo que você precisa saber sobre literatura para nunca passar vergonha” (1993), de Michael Kerrigan, da coleção “Manual do Blefador”, Ediouro; “Por que Ler” (2000-2010), da editora Globo; “Tem um livro aqui que você vai gostar”, de Antonio Fagundes, (2020), da editora Sextante.

Algumas dessas coleções e livros têm como público-alvo docentes da Educação Básica, sobretudo aqueles que atuam no Ensino Médio; enquanto outros visam leitores não especializados, que pretendem estudar literatura de um modo geral ou um/a escritor/a em particular. Pode-se dizer, também, que tais livros possuem, como leitores alvos, discentes do curso de letras.

Em uma análise rápida dos títulos desses livros e coleções, pode-se dizer que apresentam três concepções norteadoras. A primeira seria ofertar uma reflexão sobre a

literatura como conhecimento, que incluiria certo modo de se educar pelo literário e, por extensão, educar o outro; de maneira que o texto literário se colocaria no lugar de um produtor de conhecimento capaz de disseminar saberes gerais, como se vê pelo modo que a coleção “Manual do Blefador” vai nomeando seus volumes: “Tudo que você precisa saber sobre literatura para nunca passar vergonha”. A ideia de síntese – capaz de dar ao leitor um saber completo e eficaz em momentos de conversa social sobre literatura – desdobra-se em várias reflexões, entre elas o fato de a literatura ser tema de debates públicos, bem como ao fato de certa distinção social para aquele que fala melhor sobre literatura. A segunda concepção estaria ligada a um modo de percepção individual, centrado em objetivos específicos, em que há uma busca direcionada. Pelo título, a coleção “Literatura Comentada” propõe estudo e aprofundamento em um determinado escritor ou escritora, sugerindo a função de especializar sobre um assunto a partir da seleção crítica e representativa dos textos literários. Por final, a última concepção proporia oferecer textos literários interessantes ao grande público, de modo que o projeto editorial está centrado na formação do leitor. Nesse sentido, os títulos da coleção “Para gostar de ler” já convidam e propõem a seus leitores ou prováveis leitores caminhos a seguir, bem como sugerem o modo de eles se apropriarem de tais obras, iniciando-se ou dando continuidade para sua formação.

Para um exemplo, observa-se a coleção “Literatura Comentada”, que circulou nas duas décadas finais do século 20, com dezenas de volumes sobre escritores brasileiros e portugueses. Pela sugestão do título, nota-se que o processo de escolarização do texto literário está circunscrito, visto que a proposta apresenta a literatura, de determinado escritor ou escritora, a partir de comentários de um especialista, que funciona como crítico literário. Esse projeto editorial incluía autores brasileiros e portugueses de várias épocas, sobretudo aqueles que comporiam certo cânone, tais como João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Luís Vaz de Camões, Tomás Antonio Gonzaga, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, dentre outros. Em toda coleção, há um organizador, normalmente docente de uma instituição de ensino superior do eixo sul-sudeste, responsável pela “seleção de textos”, “notas”, “estudos biográficos”, “histórico e crítico”. A organização do livro compõe um sumário que possui, com pouca variação, os itens: “Panorama da época”; “Biografia” e/ou “Entrevistas”; “Cronologia”; “Textos selecionados”; “Características do autor”; “Obras do autor”; “Bibliografia”. Há obras da Coleção, como, por exemplo, “Poesia Concreta”, que possuem no sumário outros itens

que são mais direcionados para a escolarização do literário, tais como “Exercício de Múltipla Escolha” e “Atividades de Criação”.

É possível perceber a relação direta que a Coleção, como as demais, possui com o processo de escolarização da literatura e a formação do leitor. Nesse sentido, nota-se como a imprensa pedagógica contribui para a constituição de um repertório de leituras literárias e, desse modo, na formação do gosto do leitor (MORTATTI, 2001). Para além dessa formação e do gosto literário, a “Literatura Comentada” propõe um modo de compreensão dos autores, das autoras e dos movimentos literários (estilo de época) para o processo de escolarização da literatura brasileira e portuguesa.

Isso inclui uma compreensão de um “tempo histórico” – que caracteriza um olhar sobre uma época e suas conexões com o literário –, de uma perspectiva de “história da literatura” e suas relações com a constituição do texto literário – que marcam questões ligadas à formação de um estilo –, e, por fim, inclui uma percepção que leva em consideração um atrelamento entre vida e obra – que observa o biografismo como possibilidade de leitura do texto literário. Ademais, as várias escolhas (dos organizadores, escritores, nacionalidade, gêneros literários e bibliografia crítica) produzem e reforçam certa visão sobre o que é o literário e seus desdobramentos. Ou seja, há ainda que considerar a noção de valor e prestígio literário; a noção de ensino e modo de ensinar literatura; a de escritor representativo; a de gênero literário e a de formação do gosto.

Em relação à Coleção, há que se pensar, também, a pouca presença de mulheres, de escritores e escritoras negras, de organizadores fora do eixo sul-sudeste, bem como a ausência de autores dos países africanos de língua portuguesa oficial e a ausência de autores traduzidos, tais como os clássicos da literatura universal. Mesmo sem a pretensão de responder, pode-se dizer que a questão parece centrar, entre outras possibilidades, na pergunta: quais critérios nortearam esses modos de ler, de avaliar, de escolher e de excluir escritores e escritoras e seus textos literários?

Literatura Comentada – Jorge Amado

Apresentamos a seguir, uma análise do livro sobre Jorge Amado da coleção “Literatura Comentada.”¹ Começamos por pensar os organizadores dessa edição (seleção de textos, notas, estudos históricos e crítico): Álvaro Cardoso Gomes e Sônia Regina

¹ - A primeira edição é de 1981 e a segunda de 1988

Rodrigues Neves. Por uma busca na plataforma Lattes², há informação apenas do primeiro organizador, que é professor da USP (Universidade de São Paulo) desde 1973, exercendo pesquisa e ensino em literatura e cultura. Ele organizou, na mesma coleção, os livros sobre **Gil Vicente** (1982) e **Dalton Trevisan** (1982) e, na mesma linha editorial, **Fernando Pessoa**, Moderna (1994), **Bocage** (poemas escolhidos), Cultrix-Abril Cultural (1974). Também publicou vários livros que são dedicados à escolarização do literário. Não se encontrou o currículo da segunda organizadora na Plataforma Lattes.

Seguindo o sumário da obra, o primeiro item, “Panorama da época”, possui como título: “Brasil, de 1930 aos nossos dias”. Prometendo mais do que oferece, o título apresenta cinco décadas da história brasileira, encurtadas em duas páginas. Há nessa apresentação rápida, informações sobre questões ligadas à Primeira Guerra Mundial (1914-18), à Revolução Russa (1917) e ao *crack* da bolsa de valores de Nova York (1929). No “Panorama da época”, há uma percepção do Brasil anterior aos anos 1930 (República Velha), período em que “a classe que tem a voz ativa é a dos grandes proprietários rurais, com o governo defendendo seus interesses e com as massas ausentes dos processos políticos” (AMADO, 1988, p. 9). Essa estrutura política e econômica entra em decadência quando há a desvalorização do café no mercado global. É interessante, na apresentação histórica dos organizadores, o fato de eles colocarem dois romances de Jorge Amado representativos desse período: *Terras do sem fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Tais romances trazem “o poder político dos coronéis que manipulam a vida pública, visando tão-somente a seus interesses particulares”. Apenas o primeiro romance foi selecionado para compor a coletânea, ainda que haja vários comentários sobre o *São Jorge dos Ilhéus*, no item “Característica do Autor” mais ao final da edição.

Ao fazerem escolhas de eventos históricos correlacionados ao pano de fundos dos romances de Jorge Amado, os organizadores ressaltam modos de compreender o literário. Ademais, a própria formatação da Coletânea, com um subtítulo que propõe apresentar uma paisagem da época, marca essa percepção que liga o fazer literário ao tempo histórico. Nesse sentido, ensinar, estudar e ler literatura deslizam para outros saberes, que incluiriam a economia, a cultura e a história de um povo, por exemplo. Essa conexão da literatura com outros saberes correlaciona literatura e história, bem como à construção de narrativas que se voltam para modos de compreender e ensinar não apenas o literário, mas

² - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do> último acesso em 27.07.2023

também a formação social. Nesse sentido, a Coletânea esgarça esse limite, reforçando certa equivalência entre literatura e outros saberes, sobretudo a história.

Para não irmos muito longe, nesse ponto, interessa-nos dizer que é nomeado de Golpe de Estado, a tomada de poder por Getúlio Vargas implantando a República Nova ou Segunda República. Na obra, a contextualização assume uma postura que vai ao encontro do pensamento de Jorge Amado, sobretudo na sua postura política. Tanto que são levantados os seguintes comentários: “Graças à fraqueza das forças de oposição, o Estado assume o poder político integralmente, intervindo nos sindicatos, nomeando pelegos e oprimindo o operariado.” (AMADO, 1988, p.11) As referências para as décadas seguintes, de 1950 até os anos de 1980, são rápidas. No que se refere ao Golpe de 1964, o texto – apesar de usar o termo abalado – nomeia de “Revolução de 31 de Março”. Como se lê:

Na década de 60, o Brasil é abalado pela Revolução de 31 de Março: com o endurecimento do regime, volta-se aos tempos do Estado Novo, com a instauração da censura, a radicalização dos partidos de direita e de esquerda, e a intensificação das diferenças sociais, provadoras de flagrante descontentamento. (AMADO, 1988, p. 11)

Essa nomeação de “Revolução” talvez tenha sido escolhida porque a primeira edição da obra é de 1981, quando se vivia os anos finais da Ditadura de 1964. Na segunda edição (1988), há o acréscimo de um comentário final: “Em 1984, a queda da ditadura acelera o processo democrático, criando um clima mais propício às manifestações artísticas”. (AMADO, 1988, p. 11). De qualquer forma, é mantida, na segunda edição, o termo Revolução para o Golpe Civil-Militar de 1964.

Ao compararmos esse “PANORAMA DA ÉPOCA” com as organizações dos manuais de Língua Portuguesa e Literatura, percebemos uma ligeira semelhança com as introduções temáticas dos estilos de época apresentados pelos organizadores desses livros didáticos: eles apresentam um rápido “contexto histórico” que vai nortear as apresentações dos autores representantes daquele período estético, pontuando, nos fragmentos de textos, as características e os temas discutidos na obra, e exercícios que exigem conhecimento da obra em discussão. Porém, para que a fragmentação dos conteúdos se torne compreensível, carece de leitura da obra na íntegra e de pesquisas históricas. Esse “Panorama da Época” da Literatura Comentada em mais de cinco décadas pode ser um ótimo expediente à pesquisa, assim como os resumos dos contextos históricos de época apresentados nos livros didáticos – dos manuais de ensino de Língua e Literatura.

O próximo item é a ENTREVISTA, que nem sempre está presente em todos os volumes, pois muitas obras são dedicadas a autores falecidos, por exemplo. A entrevista, dividida em vários subitens, ocupa da página 13 até a 57. Foi concedida por Jorge Amado, segundo a nota de rodapé, em junho de 1981, em sua casa, em Salvador, para Antônio Roberto Espinosa, editor da primeira edição de “Literatura Comentada.” Essa edição tinha como coordenadores: Benjamim Abdala Júnior; Marisa Lajolo; Samira Youssef Campedelli. Na entrevista, o que se nota, de imediato, é sua extensão, visto que ela preenche 44 páginas. No início, são levantadas questões que envolvem a biografia de Jorge Amado, sua importância no mercado editorial, público leitor, tradução. Há, porém, uma articulação entre sua vida e obra. Essa articulação é feita pelo próprio Jorge Amado ao responder sobre seu pai: “Meu pai plantou essa fazenda Auricídia – aliás, a saga que está contada em *Terras do Sem Fim*. (AMADO, 1988, p. 15)

A entrevista marca, também, o lugar de Jorge Amado como leitor. Esse lugar – o lugar das influências literárias – está colocado a partir de um encontro feliz com a literatura, como anuncia Luiza Silva e Márcio Melo em um artigo intitulado “O que pode a literatura”. A formação leitora de Jorge Amado aparece na escola, por um encontro feliz pelas mãos do padre Cabral:

Padre Cabral se interessou particularmente por mim, passou a me emprestar livros de sua biblioteca. Ele me emprestou, por exemplo, uma tradução portuguesa, magnífica, aliás, pelas ilustrações, do “Gulliver”, de Swift, que eu li e fiquei deslumbrado. Até fugir do Vieira, entre o segundo e terceiro anos, ele me deu a ler livros de autores com Charles Dickens, Walter Scott... Padre Cabral me fez parti para diante! Ele foi realmente um homem que confiou naquele menino. (AMADO, 1988, p. 15)

Nota-se que Jorge Amado elege não apenas seus escritores e obras, mas, também, aquilo que procura excluir, Padre Vieira. Há que perceber o gosto, aos 11 anos de idade, de Jorge Amado pelas belas ilustrações de Gulliver. A entrevista entra em questões voltadas para a vida literária, que se abre para um Jorge Amado crítico: “Li logo depois que o livro [*A Bagaceira*] foi publicado... acho que li em 29, e, aliás, me impressionou profundamente. Todos aqui lemos.” (AMADO, 1988, p. 26)

Para não nos estender muito, apresentamos um último ponto da entrevista, que é o universo de Jorge Amado como escritor. A partir do comentário: “Você é um escritor profissional, que vive do que escreve...” Jorge Amado articula a resposta, marcando esse lugar: “Modestamente. Sou um escritor profissional, o que é muito diferente de comercial.

Aqui ainda se confundem as coisas. Parece, contudo, que os escritores mais jovens já têm uma consciência profissional, querem ser profissionais.” (AMADO, 1988, p. 56). O que se pode notar é que, ao tratar a ideia de escritor profissional, Jorge Amado responde às várias críticas que lhe são atribuídas, sobretudo a de um escritor que produz para o mercado.

A possibilidade de pensar e questionar o valor literário a partir de uma relação entre um crítico literário e um escritor está na capacidade de exercerem o trabalho de modo profissional: “E enquanto a literatura não for profissional, a crítica também não será séria e profissional. Continuará a existir esse grupismo, essa crítica personalista, que é aquele negócio de querer saber quem presta e quem não presta, quem é o maior ou o melhor, que é uma estupidez. Com que metro se medem os escritores?” (AMADO, 1988, p. 56). Hoje – quando os valores literários e as teorias eurocêntricas têm sido colocados em questionamentos – a pergunta colocada por Jorge Amado parece fazer mais sentido ainda.

Sobre a CRONOLOGIA – que se inicia em 1912, quando nasce Jorge Amado, e termina em 1987, com a composição da Assembleia Nacional Constituinte –, destacamos o termo usado para o ano de 1964: “Marcha da Família com Deus pela Liberdade; golpe militar derruba o governo”. Nesse momento, o termo “golpe” é utilizado, diferente do que foi usado no “Panorama da época”.

Sobre “TEXTOS SELECIONADOS”. A seleção dos textos respeita a sequência de publicação das obras: inicia-se com *Capitães da Areia* (1937), que é o sexto romance do autor, e termina em *Tocaia Grande* (1984), que é o último romance publicado por Amado, quando da edição de *Literatura Comentada*. Na entrada de cada obra selecionada, há um pequeno resumo explicativo, como se pode ver:

O romance “Capitães da Areia” trata da vida de menores abandonados da Bahia, que vivem num velho trapiche. Liderado por Pedro Bala, generoso e valente, o bando conta ainda com outras figuras: o negro João Grande, bondoso e forte criatura; o professor, que revela, desde cedo, pendores para a arte; Pirulito, místico de introvertido; Dora, a jovem amante de Pedro Bala; o Gato, elegante e conquistador; Sem-Pernas, cuja revolta, provocada pela falta de um lar, encobre sua rude bondade; Volta Seca, afilhado de Lampião; e muitos outros.

A narrativa, de cunho realista, descreve o dia a dia do grupo e seus expedientes para arranjar alimento e dinheiro. O narrador, numa linguagem crua e lírica, procura demonstrar que as desigualdades sociais é que levam ao crime e à marginalização. Intercalando a narrativa com reportagens sobre o grupo dos “Capitães da Areia” e mostrando os menores do ponto de vista da burguesia bem situada, o romance sugere o contraste entre a humanidade e a sensibilidade das crianças e a

desonestidade das classes dominantes. Conduzindo a história em função dos destinos individuais de cada participante do bando. Jorge Amado acaba por mostrar que, à exceção de um ou outro (o Gato torna-se de vez um rufião; Sem-Pernas morre, fugindo da polícia; e Volta Seca alia-se a Lampião), os demais ganham consciência revolucionária.

Os trechos escolhidos ilustram as duas etapas do bando dos “Capitães da Areia”; primeiro; o de pobres marginais; depois, a de participantes ativos de movimentos reivindicatórios. (AMADO, 1988, p. 61)

Percebe-se, de imediato, que essa apresentação – misto de resumo, comentário e crítica – exhibe um olhar que opta para a formação do leitor. Há um anúncio de como ler o texto de Jorge Amado, ou seja, a apresentação cria um protocolo de leitura, quer pela insistência na bondade e bom caráter das personagens, quer pelo modo de expressar um narrador (por seu ponto de vista) que adere à situação do bando, ou ainda pelo caráter formativo do romance, que, ao final, produz personagens com consciência revolucionária. Numa espécie de justificativa da escolha dos fragmentos-capítulos, a apresentação explica os dois movimentos do romance (o antes e o depois). Desse modo, a apresentação e os fragmentos dos dois capítulos não poderiam dar uma ideia resumida de *Capitães da Areia* que substituísse a leitura da obra na íntegra.

A seleção de textos da coletânea (de *Capitães da Areia* até *Tocaia Grande*) apresenta questões que precisam ainda ser consideradas. A presença de obras que, até hoje, são “sucesso” entre os livros escolares brasileiros: *Capitães da Areia*. Como sabemos, esse romance é um dos mais lidos pelos alunos. Para não se estender muito, apresentamos um item do ENEM de 2010 (BRASIL, 2010) referente a essa obra:

Texto I

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

AMADO, J. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 (fragmento).

Texto II

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro – ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial contentavam-se com as sobras do mercado.

TREVISAN, D. **35 noites de paixão: contos escolhidos**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 (fragmento).

Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

- a) a linguagem afetiva aproxima os narradores dos personagens marginalizados.
- b) a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação aos personagens.
- c) o detalhamento do cotidiano dos personagens revela a sua origem social.
- d) o espaço onde vivem os personagens é uma das marcas de sua exclusão.
- e) a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

O item apresenta uma discussão sobre a abordagem literária, exatamente como os textos literários se tornam literatura pelo uso da linguagem. Nesse sentido, a exploração está na questão da aproximação que os textos I e II têm em relação ao fazer poético. O que pouco ocorre nas notas críticas feitas na obra *Literatura Comentada*. Das nove notas de rodapés, 06 (seis) são referentes à explicação sobre palavras, numa espécie de glossário, 01 (uma) referente à explicação de uma composição poética. Apenas 02 (duas) se aludem a questões ligadas ao texto literário. A primeira delas, de um caráter que discute pouco o literário, explica que: “Jorge Amado incorpora dados da linguagem popular a seu texto, cometendo, inclusive, o que a gramática consideraria erro: “tu tá”, “vocês fizer”, “uns homão”. A segunda, que traz uma discussão mais voltada para o trabalho com a crítica literária, diz que “o trecho que se segue ilustra bem a tendência maniqueísta do autor, que divide rigidamente os personagens em bons e maus. Desse modo, Jorge Amado quer que a nossa simpatia seja dirigida, de imediato, aos meninos do grupo dos Capitães da Areia, que são nobres leais etc., ao contrário dos outros, vistos de perspectivas mais negativistas.” (AMADO, 1988, p. 64)

É importante considerar não apenas as obras selecionadas para compor os comentários críticos, que inclui obras consagradas pelo público, como, por exemplo, *Gabriela Cravo e Canela*, mas também aquelas que não foram incluídas na seleção. Nesse sentido, nota-se a ausência de *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tieta do Agreste* (1977) e *Teresa Batista Cansada de Guerra* (1976), que foram obras adaptadas para a telenovela e para o cinema. *Dona Flor e seus dois maridos* foi adaptada para o cinema em 1976, o que poderia ter lhe atribuído certo prestígio e interesse pelo grande público. Segundo o portal de notícia G1³, “o longa levou mais 10 milhões de espectadores aos

³ - <https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/dona-flor-e-seus-dois-maridos-relembre-todas-as-versoes-do-classico.ghtml>

cinemas, sendo por 34 anos o recordista de público do cinema brasileiro. A marca foi ultrapassada apenas em 2010, por ‘Tropa de Elite 2 - O Inimigo Agora é Outro’.” Segundo o portal <https://memoriaglobo.globo.com>⁴ Teresa Batista foi transformada em minissérie em 1992, sob a Direção de Walter Campos e Fernando de Souza, e Direção-geral de Paulo Afonso Grisolli; exibida entre abril e maio de 1992, com 28 capítulos. “A minissérie conta a vida de Tereza Batista dos 13 aos 27 anos de idade, acompanhando a sua transformação de menina em mulher.”

Por outro lado, é interessante observar também que *Tenda dos Milagres* (1969) não compõe a coletânea de textos, visto que, na Entrevista concedida para Antônio Roberto Espinosa, ela foi referida como a obra que Jorge Amado mais gostava. Por essa perspectiva, pode-se perguntar – mesmo que sem pretensão de encontrar respostas –: quais são os critérios que se levam em consideração para tais escolhas. Entre outras possibilidades, é possível dizer que, se por um lado, há uma escolha pessoal, que se materializa em gosto e escolha dos organizadores, por outro, há, também, uma necessidade do que se espera da coletânea, que é constituída de estrutura e limites editoriais. De qualquer forma, a obra “Jorge Amado” da coleção *Literatura Comentada* pretende que os fragmentos dos romances (capítulos de romances) e das crônicas na íntegra possibilitem – do ponto de vista de exemplares significativos da obra – uma compreensão geral do autor estudado. Efetivamente, essa compreensão passa por outros lugares que a escolha dos textos, pois estão ligadas, também, às notas de rodapé, à entrevista, aos exercícios, às características do autor, à bibliografia, enfim, a toda a composição da obra.

AS CARACTERÍSTICAS DO AUTOR. Essa seção é composta por um título – Uma obra popular e brasileira – que está composta por seis subtítulos: 1. No início com a geração de 30; 2. Obra com múltiplas direções; 3. Romance de ideias; 4. Romance proletário; 5. Ideias literárias e relatos épicos; 6. Crônicas de costumes. Cada um deles pressupõe um modo de observar o autor, pressupondo, inclusive, um desenvolvimento da obra do autor e suas etapas. Como se vê pelo primeiro subtítulo, ao longo da coletânea sobre Jorge Amado, há reafirmação de que a década de 1930 é crucial para sua obra. Como se pode ver:

⁴<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/tereza-batista/noticia/tereza-batista.ghtml>

A obra de Jorge Amado, surgida na década de 30, embora adquirisse outras características depois, mostra, em certos aspectos, a contradições da época. Ou seja, adere à ideia de que o Brasil era um país controlado por uma minoria, voltada para seus próprios interesses, em detrimento das classes menos favorecidas. Os grandes romances épicos do escritor baiano sobretudo ‘Terras do Sem Fim’, mostram esse jogo de interesses e também movimentos das grandes massas contra a fome ou o poder vigente. (AMADO, 1988, p. 162)

Interessante notar a coerência da Coletânea, que, ao longo de sua seleção, traz 03 (três) capítulos de *Terras do Sem Fim*. Essa coerência também se dá pela sequência dos capítulos (7, 8 e 9), pois acaba por dar um mínimo de encadeamento para a narrativa. A fragmentação de texto literário, como todos sabemos, é um dos problemas para a formação de leitores, como foi explicado por Magda Soares em seu artigo sobre o uso do texto literário em livros didáticos. Por outro lado, esse recurso didático na coleção propõe um modo de ler o texto de Jorge Amado. Como se vê na justificativa das escolhas desses fragmentos: “O texto selecionado ilustra bem o clima que antecede as lutas entre a família Badaró e Horácio pelas terras do Sequeiro Grande.” (AMADO, 1988, p. 83)

A coletânea coloca Jorge Amado na ordem dos escritores do que, didaticamente, foi considerada a geração de 30. Nesse sentido, ele está ombreando outros autores, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Isso pode ser visto no modo como são comparados a partir da maneira como abordam as temáticas da época:

Em José Lins do Rego, os senhores de engenho roubam e maltratam, mas sua vez chega com as modernas usinas que os levam à falência. Jorge Amado mostra idêntica problemática em ‘São Jorge dos Ilhéus: os antigos coronéis são devorados pelos exportadores estrangeiros, numa metáfora bastante explícita do Brasil. (AMADO, 1988, p. 162)

Diferente do que ocorre com o romance anterior, *São Jorge dos Ilhéus* não faz parte dos textos selecionados para a Coletânea, o que não favorece ao leitor um possível olhar que perceba – ainda que por fragmentos – observar tais afirmação. Por outro lado, é interessante perceber que a crítica literária, nessa parte, tem um de seus melhores momentos. Ao caracterizar a obra e o autor, a Coletânea “ganha liberdade” para poder manifestar percepção mais aprofundada. Tanto que se vê comentários tais como:

[..], é possível falar de um romance mais descompromissado, em que o autor faz a defesa da liberdade e do amor, através da criação de tipos inocentes e exuberantes, verdadeiros símbolos do homem ligado diretamente à natureza, infensos ao progresso descaracterizador e às leis sociais (Gabriela, Dona Flor, Quincas Berro D’Água, Teresa Batista etc.) (AMADO, 1988, p. 164)

Como se percebe, há um trabalho crítico sobre o fazer literário de Jorge Amado, sobretudo no modo como ele constrói suas personagens em vários romances. De modo geral, o tópico “Característica do autor” pode ser considerado como o espaço em que o organizador da Coleção tem para produzir, de fato, um estudo sobre as obras do autor. Ainda que marcado por uma percepção de didatização do texto literário (história da literatura, estilo de época, biografismo, contexto histórico), esse tópico transpõe tais modos de escolarizar a literatura para perceber a obra de Jorge Amado além desses limites. Tais limites são bem marcados no processo de escolarização da literatura do final do século 20.

A nomeação da seção (As características do autor), de certa maneira, marca um modo de ler, indicando o processo de escolarizar o texto literário. No entanto, o desenvolvimento do texto-crítico-literário ganha dimensão maior, podendo aprofundar nas questões específicas da literatura.

Em última análise, ao longo da coleção, é necessário pensar, também, a concepção que ela constrói para biografia do autor, história e movimentos literário. Tais percepções correlacionam, de imediato, ao modo tão comum ao ensino de literatura da época: a historiografia literária, de modo que é possível refletir como tais discussões vão consolidando ainda mais projeto de canonização de escritores/as. Por outro lado, em uma possibilidade de reorganização desse cânone (escolar e brasileiro), a coletânea traz títulos que estão fora do universo do “literário”, aproximando-se do musical, tais como Caetano Veloso, Noel Rosa, Gilberto Gil, Chico Buarque. Ao trazer o gênero textual canção para compor a Coletânea, há uma reorganização do canônico, configurando-se, também, estratégia de mercado, que colocava à disposição e em discussão noções do que é literatura e seus limites. Assim, o debate abre espaço para o ensino de literatura a possibilidade de ombrear, pelo menos pela lógica da edição, tais escritores.

Frente aos fatos dados, equacionam-se modelos de leitura que, em grande parte, induzem o olhar do leitor para uma espécie de verdade. A anulação de muitos romances de Jorge Amado considerados sucesso de público coloca a literatura a serviço de um tipo de poder. Isso pode ser observado até nas nomenclaturas que representam os períodos históricos. Como o estudo da obra literária traceja outras áreas do conhecimento, a proposta editorial se torna verdade, visto que se isola da ficção. Em termos gerais, a sapiência do leitor é questionada no modelo educativo preconizado pela coleção

Literatura Comentada, pois seus espaços de construção de conhecimento já estão direcionados a um saber predeterminado.

Referências

GOMES, Álvaro Cardoso. **Jorge Amado**: seleção de textos, notas, estudos biográficos. Histórico e crítico por Álvaro Cardoso Gomes. 2. Ed. Histórico e crítico por Álvaro Cardoso Gomes. 2 ed. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura** - título original: A history of reading tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MELO, Márcio Araújo de; SILVA, Antonio Adailton. **Ensino da literatura**: diversidade e Fronteira. Polifonia (UFMT), v. 18, p. 110-123, 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 57.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** 3ª edição. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, Luiza Helena de Oliveira e MELO, Márcio Araújo de. O que pode o leitor? **EntreLetras**, 2016, 6(2), p. 120-132.